**JUVENTUDE E RELIGIÃO, (DES)CONECTADAS?[[1]](#footnote-1)**

**Luzia Valladão Ferreira**[[2]](#footnote-2)

GT3 – Tradições Religiosas Indo-Afro-Ibero Nordestinas

Resumo

Este estudo pretende investigar o modo de subjetivação dos jovens acerca do desenvolvimento da sua espiritualidade, sua concepção de sagrado e a influência do Ensino Religioso Escolar como fator de enriquecimento da sua cultura religiosa. Basicamente, interessa perceber até que ponto o jovem considera que o Ensino Religioso na Educação Básica contribui para uma válida formação religiosa e qual a sua importância dentro do currículo escolar. Considerando que a juventude dos nossos dias está diversificada com diferentes oportunidades, dificuldades ou facilidades decorrentes do meio social em que vive, o estudo terá como campo de investigação jovens de ambos os sexos, alunos do ensino médio em uma escola confessional numa cidade do interior de Alagoas.

Palavras chave: Sagrado, Jovem, Ensino Religioso.

Abstract

 This study intends to investigate the subjectivity of young people about the development of their spirituality, their conception of the sacred and the influence of Religious Education at school, as a factor to enrich their religious culture. Basically, it is important to realize if the young considers that Religious Education really contributes to a valid religious formation and its importance within the school curriculum. Considering that the youth of our days is diversified with different opportunities, difficulties or facilities arising from the social environment in which they live, the study will have as a field of research young men and women, high school students in a catholic school in a town from Alagoas. Keywords: Sacred, Young, Religious Education.

**1 Introdução**

Este estudo está configurado como estudo de caso, tendo como objetivo identificar, numa parcela dos jovens de hoje, a concepção do sagrado, a importância e a influência do Ensino Religioso no currículo escolar como fator de enriquecimento da cultura. A pesquisa pretende investigar o modo de subjetivação dos jovens acerca do desenvolvimento da sua espiritualidade. Basicamente, interessa perceber até que ponto o jovem considera que o Ensino Religioso na Educação Básica contribui para uma válida formação religiosa e qual a sua importância dentro do currículo escolar. Consideremos que, atualmente, há quem fale em “juventudes” e assim, apesar de muitos estudos já terem explorado esse tema, acreditamos que ainda há espaço para atentarmos se alguma dessas “juventudes” está (des)conectada com a Religião.

A metodologia utilizada implica em três momentos distintos: no primeiro, um contato informal acerca do que se pretende, o convite à participação, deixando claro as etapas do trabalho, além da entrega de um Termo de autorização dos responsáveis, por não terem, todos os jovens, atingido à maioridade; no segundo, um momento reservado para a aplicação do questionário que foi respondido individualmente e no terceiro, um tempo disponível para a livre explanação de opiniões, complementando as concepções sobre a importância do Ensino Religioso na grade curricular e a forma de ser conduzida a aula, bem como o conteúdo a ser ministrado.

A amostra representativa foi formada de 15 alunos do último ano do Ensino Médio, jovens entre 15 a 18 anos, de ambos os sexos, que aceitaram participar da pesquisa.

A escola, Centro Educacional Cristo Redentor, abrindo as portas para esse estudo, apresentou interesse pelo resultado da pesquisa para confrontar se o esforço investido pela direção, coordenação e professores, encontra ressonância na vida do jovem a quem é destinado todo o empenho profissional da equipe docente.

**2 Fundamentação teórica**

O Ensino Religioso tem sido alvo de polêmicas nas quais, para muitos, ele não deveria fazer parte da grade curricular. Chama a atenção o fato de que mesmo numa escola confessional, cujo objetivo primeiro é a formação espiritual dos educandos, há quem discorde da sua necessidade, especificamente aqueles alunos que abraçam um credo diferenciado.

Muito tem sido escrito sobre esse tema mas, ao que se percebe, predomina, entre os autores, o conceito de que o desenvolvimento completo do ser humano inclui a formação religiosa como forte contributo para a sua espiritualidade. Não havendo espaço para discorrer sobre os vários autores que abordam essa temática, priorizamos Anísia de Paula Figueiredo como referência levando-se em conta que sua linha de pensamento fornece princípios condizentes com a proposta da escola visitada, na busca da transcendência como valor primordial na vida dos educandos.

Segundo essa autora, sobre a formação religiosa, nem sempre o corpo docente está em sintonia com a proposta e/ou administração da escola ocasionando dificuldades no processo (FIGUEIREDO, 1995, p. 23). A consonância de entendimento, impulsionou a direção a aceitar a realização dessa pesquisa porque acredita que

toda e qualquer reflexão sobre a pessoa humana, como sujeito da educação, não pode perder de vista a sua dimensão religiosa, ou seja, as predisposições do ser para a experiência religiosa individual que nasce do *eu* mais profundo (FIGUEIREDO, 1995, p. 46).

O Ensino Religioso, no Brasil, faz parte da cultura nacional e vem presente, seja nas escolas, seja nas famílias, desde os tempos da colônia. Sua legalização tem sofrido alterações, ao longo do tempo, nas formas de implantação e adequação, até chegar à inclusão nos currículos escolares com o objetivo de harmonizar as diferenças progressivas quanto aos conceitos da sociedade sobre sua pertinência, resultância e destinação, próprias da modernidade,

A princípio, ainda no período da colônia, cumprindo um acordo entre a Igreja Católica e o Rei de Portugal e, em decorrência do regime do padroado, esse ensino foi legitimado, acolhido e adotado nas escolas com anuência da população, tendo perdurado por longo tempo ou seja, de 1500 a 1800 (RODRIGUES, 2017, p. 69).

Ao ser implantada a República em 1889, o catolicismo, religião oficial do Império Brasileiro, perdeu a sua hegemonia sobre as demais religiões. O Estado laico compreendeu como conveniente, a ausência de informação religiosa nas escolas públicas. Entretanto, escolas particulares confessionais continuaram com sua prática evangelizadora, considerada proselitista, por alguns, porquanto insistia em fazer valer a sublimidade da crença, por elas apregoada.

A partir de 1934, em função das demandas provenientes de minorias religiosas, que requisitavam um espaço escolar favorável ao pronunciamento das suas crenças, emendas foram surgindo como regulamentação para o Ensino Religioso como disciplina na escola pública.

Assim, textos constitucionais sobre o Ensino Religioso foram reformulados em 1934, 1937, 1946, 1967, sempre considerando a prerrogativa da matrícula facultativa para o alunado, em se tratando dessa disciplina (RODRIGUES, 2017, p. 46).

Até então, o Ensino Religioso Escolar centrava seu conteúdo numa doutrinação específica que passou a ser questionada em virtude do pluralismo religioso cada vez mais presente na sociedade brasileira. Reconhecidamente, a escola confessional passou a enfrentar um grande desafio no desempenho da sua missão ou seja: atender ao que se propunha em sua origem; obedecer a legislação estabelecida; e lidar com a pluralidade religiosa cada dia mais florescente.

Apesar das novas legislações implantadas a respeito conceituarem o Ensino Religioso como propício à colaboração na formação moral das gerações, os conteúdos que buscariam uma formação de respeito aos valores culturais permaneceram ofuscados pela carência de cursos de licenciatura para a docência dessa disciplina (RODRIGUES, 2017, p. 47). Isto favoreceu a continuidade da prática metodológica, de predominância catequética, com material didático voltado para os princípios missionários, notadamente no caso das escolas confessionais.

Sabemos quão longo é o caminho para uma transposição de mentalidade e não acontece diferente quando tratamos do entendimento de que o Ensino Religioso demanda transdisciplinaridade com abordagem filosófico-cientista para propiciar ao aluno um conhecimento religioso, um ensino enfim, que não faz vista grossa à diversidade.

**3 Entre leis e intentos**

Independentemente do que estabelece o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013) acerca do artigo que garante a participação dos jovens em conselhos e instâncias deliberativas de escolas e universidades (art. 12º) e participação nas decisões de política cultural, à identidade e diversidade cultural e à memória social (art. 21º), deve interessar, na prática, aos professores de Ensino Religioso, conhecer o pensamento do jovem que é o alvo da sua missão educativa.

Segundo o referido estatuto, jovens são os que se enquadram entre 15 e 29 anos, sendo que aos de 15 a 18 anos aplica-se, precipuamente, a [Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 – (ECA) Estatuto da Criança e do Adolescente](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm). Ainda assim, o ECA em seu art. 58, prescreve o respeito aos valores culturais, artísticos e históricos do contexto social do adolescente.

Isso significa, para a escola e para o professor de Ensino Religioso, um impasse na organização dos conteúdos programáticos da disciplina considerando que, em sala de aula, o pluralismo religioso se acentuou consideravelmente nos últimos tempos em todo Brasil e, em tese, verifica-se, com frequência, na sociedade, forte intolerância com tudo que se apresenta como “diferente”. Esse fenômeno, naturalmente, não deve inibir a proposta da escola confessional no que tange às aulas de Ensino Religioso porque a finalidade da sua proposta é a formação integral do educando. Evidente que não se trata de uma evangelização direcionada mas uma educação para a religiosidade. O novo papel do Ensino Religioso nas escolas, como afirma Anísia Figueiredo, é

a) Atuar como instância articuladora dos meios que proporcionam às gerações do presente e do futuro as razões de ser e estar no mundo.

b) Fortalecer as predisposições naturais de cada ser humano em perceber a vida como um dom gratuito e o mundo como um todo, onde pensa, sente, decide e age como alguém chamado e a realizar ai um projeto existencial. (FIGUEIREDO, 1994, p. 114).

Em Alagoas, a Resolução nº 003/2002 do CEE/AL regulamentou o Art. 33 da Lei 9.304/96 estabelecendo, no § Único do Art. 6º, que as escolas privadas de natureza confessional, assegurem o respeito às liberdades individuais, tolerância para com os que professam credos diferentes, e promovam uma convivência pacífica entre as diversas manifestações religiosas.

A elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola visitada assegura coerência e conformidade com o que é legalmente estabelecido.

**4 Centro Educacional Cristo Redentor**

**4.1. Como Escola Confessional**

Consideremos que, muitas das escolas particulares confessionais, ainda hoje em funcionamento no Brasil, chegaram de Congregações Religiosas provenientes da Europa com a intenção de contribuir para a expansão do cristianismo católico, tendo amplo apoio das autoridades civis e religiosas. Sabe-se que os Jesuítas, vindos com os portugueses na época do descobrimento, desempenharam um forte trabalho de evangelização já no período do Brasil colônia. Outras tantas congregações aqui chegaram seja por convites da hierarquia religiosa, seja em fuga pela situação caótica ocasionada pelas guerras na Europa. Religiosos e religiosas, pela força da missão, abandonaram seus locais de origem mas, na maioria dos casos, não abandonaram seus conceitos, costumes e práxis, convictos de que assim estavam contribuindo para o bem das almas, conforme lhes indicavam os ensinamentos de Roma.

Uma das Congregações femininas, a Congregação das Filhas do Amor Divino, fundada em Viena, em 1868, por Francisca Lechner, de naturalidade alemã, chegou ao Brasil em 1920 no Rio Grande do Sul e em 1925 no Rio Grande do Norte, mais precisamente em Caicó. Atualmente a sede da Província Nordeste está localizada em Emaús, Paramirim-RN e mantém colégios em várias cidades do Nordeste procurando transmitir seu carisma fundacional. Com essa perspectiva, mais detalhada pelo lema “fazer o bem, alegrar, tornar feliz e conduzir ao céu” (CONSTITUIÇÕES, 1990, n. 61), as Filhas do Amor Divino, através do ensino, dedicam-se à missão de “tornar o amor de Deus visível, no mundo” (CONSTITUIÇÕES, 1990, n. 55).

Em Palmeira dos Índios-AL, desde o ano de 1944, as Filhas do Amor Divino mantém o Centro Educacional Cristo Redentor, atendendo a aproximadamente mil alunos do Infantil ao Ensino Médio. Como escola confessional, ao longo da sua trajetória, lança mão de técnicas pedagógicas e instrumentos facilitadores que conduzam à responsabilidade assumida de “tentar mudar, transformar, recuperar e inovar a sociedade” (MOREIRA, 2014, p. 236). Seu Projeto Político Pedagógico apresenta o propósito de contribuir para oferecer uma “educação crítico-reflexiva, humanizadora, científica e cristã, colaborando com a Igreja no processo de libertação e salvação da pessoa humana” (MOREIRA, 2014, p. 236). Nessa perspectiva, continua a indagar-se sobre “que alunos queremos formar? Que escola devemos ter? De quais profissionais de educação necessitamos?”.

**4.2. Seu Ensino Religioso**

Diante da carência de religiosas para atuarem no exercício do magistério, até mesmo para o Ensino Religioso, o Centro Educacional Cristo Redentor contrata professores leigos. No entendimento de que vivemos um mundo plural, religiosas e professores dessa escola, são convidados, pela própria Proposta Pedagógica, em conjunto elaborada, a adotarem uma prática interdisciplinar ou transdisciplinar da realidade porque, como diz Cristina Moreira, coordenadora pedagógica:

As disciplinas não podem ter importância em sua totalidade, quando não falam a linguagem global; na Geografia, por exemplo, podem ser falados alguns textos bíblicos, não só como mensagem do credo religioso, mas como conteúdo que deve ser aprendido, analisado e entendido. O êxodo, por exemplo, é uma temática que aparece na Bíblia, mas pode ser contextualizado para os dias atuais, e isso desencadeará uma discussão sobre as causas e os fatos que levam as pessoas a realizarem êxodos, como a seca, a falta de política pública, as fortes chuvas, que causam enchentes em diversas partes do país e todos os anos as reportagens são as mesmas mudam-se as vítimas e o número de mortos e desabrigados (MOREIRA, 2014, p. 246).

O fato de ser uma disciplina que não tem peso para o vestibular, do professor é exigido um ingente esforço para atrair a atenção e a participação do jovem porque não basta ser ouvinte de uma brilhante explanação por parte do professor. Pelo que se observa no Projeto Pedagógico, o que é pretendido está vinculado a uma interação, na qual estejam presentes a individualidade, a alteridade, o respeito, a culminância do encontro de pontos comuns constituintes da dignidade do ser humano como tal.

Nota-se que, ao ser considerada a complexidade dessa disciplina, a escola reconhece a importância da integração Escola x Família mas não exime a formação e qualificação do professor pois, assim se expressa MOREIRA:

para conseguir os objetivos, não se depende apenas da escola e do professor, há uma grande dependência para com a família [...] importante não é só o material didático adequado e um ambiente propício à participação da família; o imprescindível é a formação, qualificação e atuação do professor (MOREIRA, 2014, p. 252).

Assim, o Centro Educacional Cristo Redentor se apresenta como um espaço propício para a investigação pretendida nesse estudo.

**5 Ouvindo os alunos**

 **5.1 O que pensa o jovem**

O jovem dos nossos dias está exposto a uma alta carga de informações provenientes das atuais tecnologias disponíveis. Essa realidade afeta fortemente a sua forma de pensar e de se comportar na sociedade. Por um lado, temos aqueles que desenvolvem um excelente nível de maturidade intelectual e social enquanto que outros se perdem não distinguindo o que é essencial do que é secundário. É inegável que, nossas ações são movidas pelo que pensamos. Os quadros abaixo sinalizam a linha de pensamento e, em consequência, a conduta dos jovens entrevistados.

Gráfico 1

Gráfico 2

Sendo a maioria adeptos da religião católica, torna-se natural que a maioria acredita em Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo, na Bíblia, na Virgem Maria e no demônio. Os que se apresentam como católicos ou evangélicos não acreditam em reencarnação, energia e astrologia. Os evangélicos não acreditam nos santos mas aceitam os anjos. Apenas os sem-religião mencionaram acreditar em reencarnação, energia e astrologia. Alguns dos não católicos acreditam na Virgem Maria, como alguém que viveu em determinado tempo e gerou Jesus.

A variedade de filiações religiosas entre esses estudantes favorece a observação da individualidade e consciência da autonomia sobre suas escolhas, considerando que, em alguns casos, o aluno não segue o mesmo credo da família.

 **5.2 Sobre a concepção do Sagrado**

A escola em questão, confessional católica, oferece uma hora semanal para o Ensino Religioso como parte da grade curricular e momentos extra-classe para atividades de cunho devocional.

Interessante considerar, aqui, que importa atentar para aquilo que tem significado para o jovem pois é por este ângulo que ele, assim como todo ser humano, impõe sacralidade em algo. Como afirma Paden,

Significado não é uma substância vaga, desenraizada, flutuando no ar ou intrinsecamente incrustada no mundo, mas a significação de um objeto para uma cultura ou pessoa específicas” (PADEN, 2001, p. 32).

O depoimento dos jovens entrevistados, sem exceção, revela o entendimento do “sagrado” como algo de extrema importância, específico para cada pessoa individualmente, e que deve ser respeitado por todos. Segundo uma das alunas, sagrado é aquilo que “tem uma energia forte que toca nossa alma, que vai além de sensações físicas”. A maioria deles não restringe “sagrado” ao âmbito religioso. Embora apresentem conceitos convergentes quanto à importância e o respeito devido, são percepções diferenciadas que transparecem sintonia com o pensamento de Paden quando afirma: “A experiência religiosa é uma entre muitas maneiras de experenciar o mundo, e mesmo na religião há inúmeras descrições do mundo” (PADEN, 2001, p. 228).

Sagrado, então, para eles, é um conceito pessoal, dirigido tanto a Deus como um ser supremo ou mesmo a algo que represente valor na vida de cada um. Como diz Ivone Gebara,

Sagrado é o nome das coisas e relações que nos são caras, que têm relevância em nossa vida. Sagrada é a beleza que atravessa todas as coisas, são nossas perguntas sem resposta, que atravessam os mais diversos tempos e espaços culturais e continuam sendo interpelações incessantes. Sagrada é a Vida! (GEBARA, 1997, p. 72-73)

 **5.3 Sobre a influência do Ensino Religioso Escolar**

Os alunos, de modo geral, consideram que as aulas de ensino religioso, na sua escola, são interessantes por apresentarem um conhecimento mais amplo sobre os vários credos que formam a pluralidade religiosa atual na nossa sociedade. Questionados sobre a influência desse ensino na sua vida, 20% afirmam que as aulas provocam uma aproximação maior com Deus; 47% não sentem influência e 33% consideram serem interessantes por apresentarem conhecimento sobre outras religiões. De modo geral, a atuação do professor no ministério dessa disciplina teve aprovação.

Sobre o que está bom e deveria continuar, 47% concordam que o conhecimento das várias religiões é imprescindível; 33% enfocam a atitude de respeito e o humor agradável do professor; 13% consideram essas aulas dispensáveis embora reconheçam o bom desempenho do professor; para 7% nada está bom.

O que poderia melhorar? Nesse item as respostas se apresentam bem diversificadas. Há aqueles que sugerem aulas mais direcionadas para a pessoa de Deus tendo como base a Bíblia. Outro aluno, discordando dessa opinião, acha que o professor se volta mais para uma religião específica. Alguém gostaria que fosse ampliada a visão básica que já absorveu sobre outras religiões; um deles sugere mudança de atitude dos colegas que buscam apenas “novidade” nas aulas; outros respondem que há necessidade de mais espaço para o aluno se posicionar durante as aulas. Nessa última colocação, tivemos unanimidade de aprovação no segundo momento, quando do debate.

 **5.4 Sobre o desenvolvimento da espiritualidade**

Sabemos que o desenvolvimento da espiritualidade no ser humano ocorre em qualquer fase da vida, tal como acontece com o biológico e o psicológico e precisamos estar atentos ao fato de que a espiritualidade não está necessariamente ligada à pertença de uma religião específica. Na adolescência e na juventude esse desenvolvimento tem primordial importância por embasar uma elevação da autoestima e estabelecimento da qualidade de vida da pessoa para o enfrentamento das dificuldades inerentes à idade e superação dos desafios próprios de um início de vida profissional quando a convivência harmoniosa se apresenta imprescindível. É de fundamental importância ser capaz de promover ambientes agradáveis, com amor, solidariedade, respeito no convívio da família e da sociedade. Se bem que alguém possa discordar, a religiosidade e a pertença a uma religião aprimoram esse desenvolvimento através do comportamento baseado numa ética que valoriza o ser humano como tal.

Considero que espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros (BOFF, 1999, p. 21).

Apesar de pouca idade, houve quem fizesse observação sobre as mudanças que ocorrem na sociedade.

A cultura da sociedade influencia a formação religiosa. Antes, músicas religiosas estavam “na moda” e todos estavam ouvindo, já hoje é muito raro ver jovens ouvindo músicas religiosas ou assistindo filme gospel. Geralmente preferem seguir o padrão e o que tá em alta, o que, no momento, é famoso (L.G.A.A., 16 anos, evangélica).

Outra jovem observou que “o conservadorismo hoje em dia atinge os jovens de uma forma muito forte, fechando suas cabeças para a grandeza do mundo e suas diferentes formas de pensar” (R.F.C. 17 anos, sem-religião).

O quadro a seguir indica que ainda é na Igreja e na família que eles enriquecem sua cultura religiosa e em consequência, sua espiritualidade. Interessante observar, entretanto, que é com os amigos que conversam sobre religião. A figura da mãe ainda é uma forte referência nessa área embora alguns afirmem que evitam esses assuntos com os pais por não se sentirem apoiados em dizer o que pensam e como pensam.

Gráfico 3

Gráfico 4

**6 Considerações Finais**

A atuação de uma escola que busca elementos que confiram eficácia ao trabalho educativo é altamente elogiável. Percebe-se que o objetivo do corpo administrativo e coordenação pedagógica caminham para, num mesmo entendimento, desenhar uma proposta em que todos se sintam incluídos, participantes e responsáveis pela formação integral do aluno.

Os jovens entrevistados revelaram um alto nível de maturidade, considerando a faixa etária à que pertencem. Eles reconhecem que não é fácil atingir o que desejam. Seria necessária uma variedade de metas para agradar a todos indistintamente, mas consideram que havendo abertura para a participação e respeito para, em sala de aula, exporem seus pontos de vista, um grande passo é dado e já se sentem gratificados.

É preciso considerar que a tradição conceitua o termo religião com a noção de religar o homem a Deus. Se hoje, pesquisadores questionam sobre o conceito atual para o termo “*religio*”, importa não substituir *religare* por *relegere* mas levar em conta que os jovens dos nossos dias cobram do Ensino Religioso uma reflexão que os ligue à divindade da sua fé tendo como aliada uma nova leitura da religiosidade presente no contexto da sua vida. Esta nova leitura, para uma escola confessional, não se contenta com o simples ensino dos valores como propõe uma terceira proposta que se descortina entre os estudiosos em religião. Certo que as demais disciplinas devem considerar essa postura mas o que sentimos, a partir dos alunos entrevistados nesse estudo, é que ainda se faz imprescindível conhecer os princípios que orientam as diversas religiões no mundo. Para eles, o conhecimento fortalece a decisão de compreender, respeitar, se solidarizar e acolher o diferente.

**Referências**

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** 8.ed.

Petrópolis: Vozes,1999.

**CONSTITUIÇOES E Diretório Geral** da Congregação das Filhas do Amor Divino, 1990.

**ESTATUTO DA JUVENTUDE**. Disponível na internet: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em 14 de ago. 2017.

FIGUEIREDO, A. P. **Ensino Religioso:** Perspectivas Pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_\_ **Ensino Religioso**: tendências pedagógicas. 2.ed., Petrópolis: Vozes, 1995.

GEBARA, I., **Teologia Ecofeminista**, São Paulo: Olho d´Água, 1997.

HOLANDA, A.M.R. **Ensino Religioso nas Legislações** *in* Compêndio do Ensino Religioso. Petrópolis: Vozes, 2017.

MOREIRA, A.C.L. **Educação Católica em Palmeira dos Indios-AL: o Centro Educacional Cristo Redentor**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2014.

PADEN, W. E. **Interpretando o Sagrado: modos de conceber a religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO** DO CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR.

RODRIGUES, E.M.F. **História do Ensino Religioso no Brasil** *in* Compêndio do Ensino Religioso. Petrópolis: Vozes, 2017.

1. Trabalho apresentado no “IV Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 12 e 14 de setembro de 2018 na UFAL, AL.” [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: valladao13luzia@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)